

# **Escola e TICs: Desafios educacionais para a escola atual**

Glória Patrícia Piedrahita Sarmiento

## **Resumo**

O presente artigo visa fazer uma reflexão em torno de como o auge dos meios de comunicação e a sociedade em rede requer grande mudança no campo da Educação. Voltando à educomunicação como campo interdisciplinar que visa à criação de ecossistemas de aprendizagem, os quais procuram formar e desenvolver uma visão crítica nos cidadãos da sociedade contemporânea.

## **Introdução**

Vivemos em uma época em que a convergência e a ascensão dos meios de comunicação têm aumentado a quantidade de informações que circulam sobre as realidades do povo. É um fato que a tecnologia chegou para ficar, não há passo atrás. Por conseguinte, é necessário repensar as dinâmicas sociais e educacionais em uma perspectiva dialógica, na qual a tecnologia não seja endeusada como a salvadora ou a solução aos problemas, mas também não seja satanizada, negando as novas lógicas de configuração que ela propõe.

Nesta necessidade de transformação, inevitavelmente a escola ocupa o primeiro lugar em termos da necessidade de mudança e, nesta perspectiva, o surgimento da educomunicação como um campo transdisciplinar propõe desafios para a educação, de assumir a inclusão dos meios de comunicação na educação, em uma perspectiva não instrumental. Uma das necessidades latentes da escola é a alfabetização digital, transgredindo aqui a ideia instrumental do termo. É, portanto, uma mudança de paradigma na estrutura do sistema de ensino, que permita formar cidadãos críticos para a sociedade contemporânea.

## **As tecnologias e a sociedade em rede**

É difícil pensar o começo do século XXI sem se remeter às aceleradas mudanças que parecem não deixar nenhum espaço da vida social sem alteração. E, com o auge das novas tecnologias de informação e comunicação houve alteração das dinâmicas sociais, das formas de comunicar-se, de apropriar o mundo e, inclusive, de habitar-lo, gestando novas relações com o conhecimento e com a informação. No entanto, o desenvolvimento e avanço das novas tecnologias não giram em torno da substituição ou remoção das anteriores, pelo contrário tem girado em torno da convergência da mídia “dando origem a um enriquecimento progressivo em termos de quantidade de dispositivos, mecanismos e formas de expressão que acabam estando disponíveis para os cidadãos-como-emissores e receptores”. (FERRÉS, 2008, p. 67).

As novas tecnologias, especificamente a internet, têm revolucionado a sociedade, de tal forma que se fala agora da sociedade em rede, mesmo quando o termo rede não é novo. Como Manuel Castells diz: “as redes são formas muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela internet” (CASTELLS, 2001, p. 15).

Assim, chegou com isso uma era, da sociedade em rede, um crescimento descontrolado das relações e informações que circulam excessivamente no ciberespaço e, sem pensar, fazem parte ativa do cotidiano do povo. No começo relacionava-se o que aconteceu na rede como “outra realidade”, ou “realidade virtual” mas com o passar dos anos essa outra realidade tomou força até chegar ao ponto de se perder a diferenciação, o “real” não é mais só aquele contato face a face, agora o real inclui também o mundo cibernético. É tão real o que acontece no bairro, nas ruas quanto o que acontece na rede; os limites de partição desapareceram de modo que o que temos é um mundo onde todos os espaços relacionam-se com todos, um mundo interconectado.

Como resultado da sociedade em rede diferentes instituições como, a política, a economia, a mídia, a igreja, entre outras, mudaram suas formas de comunicação e relacionamento. Assim evidencia-se que a sociedade está tendo tais mutações que têm sido uma exigência inevitável adequar-se às necessidades apresentadas pela atual dinâmica, bem sugere Castells quando compara a internet com a eletricidade. “Internet é para a nossa sociedade o que foi a energia à era industrial” (Castells, 2001).

No entanto, reconhecendo este cenário de múltiplas mudanças, reformas e novas demandas, surgem uma questão que é importante abordar: qual tem sido o papel da educação para atender a necessidade de uma nova cidadania que se tece de maneira implícita nesta sociedade?

### **Escola, Educação e Novas Tecnologias**

Infelizmente, há que reconhecer que a escola como instituição oficialmente formadora de sujeitos não tem cumprido bem sua tarefa de abrir suas portas interiores para acolher as novas demandas que a sociedade apresenta. Ainda está tão hermeticamente fechada que cai em um desconhecimento das lógicas atuais, até o ponto em que os jovens ficam descontentes e desinteressados por ela.

E, em um mundo onde a velocidade e rapidez são características primordiais e cotidianas é necessária uma educação que atenda ao chamado sedutor de sair de seu cerco e abrir as portas ao mundo, pois,

a educação e a aprendizagem não se limitam nem se reduzem às escolas, às bibliotecas, aos livros, ou seja, aos conteúdos. Eles estão muito além, por muitas razões. Aprendemos ao longo da vida e mais além dos espaços e paredes das instituições, em qualquer lugar e qualquer momento, junto com qualquer pessoa disposta a compartilhar. (QUIROZ, 2010, p. 195)

Neste sentido não é possível pensar a educação fora do mundo atual de informação, comunicação, produção, recepção etc., em palavras de Guillermo Orozco (2010) “a educação já não só é produto de um ensino, e também não só a resultante de uma escolarização. A educação também resulta de outras interações e encontros, sobretudo descobrimentos e explorações dos próprios educandos.” (OROZCO, 2010, p. 269).

Por este mundo tecnológico se abrem possibilidades de acesso à informação que antes eram impensáveis, informações de diferentes naturezas e que se apresentam por diferentes meios e sentidos, no que me refiro a Barbero (2002) quando propõe que “a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois há uma multiplicidade de saberes que circulam em outros canais e não pedem permissão para a escola para expandir-se socialmente” (BARBERO, 2002, p. 6).

Assim, a educação precisa entender o desafio de compreender e repensar sua função social, não pode mais ser o lugar de repressão, obrigação e negação do mundo moderno. Para isso é importante pensar a educação de um modo emancipador, no qual o modelo tradicional que educou nossos pais e avós seja reavaliado e superado, em concordância com as atuais necessidades da sociedade e, assim, seja possível apostar por uma educação atual e atualizada.

A escola está sendo chamada, pois, a reavaliar o modelo educativo e comunicativo que prevaleceu na relação docente-estudante equivalente a comunicador-receptor, já que este tem sido caracterizado por ser uma relação vertical, onde o docente (comunicador) é quem tem o conhecimento e procura depositá-lo na mente de seus estudantes (receptor), gerando assim relações de autoridade e de poder, nas quais o estudante é um sujeito passivo no seu processo de aprendizagem, basicamente, e em palavras de Paulo Freire (1970), tem sido uma Educação Bancária.

Nessa necessidade de relacionar os campos Comunicação e Educação surge o campo da Educomunicação, Educação para os Meios ou Comunicação Educativa, como campo interdisciplinar que pretende estudar as fortes relações entre os dois termos para ficar perto e propor caminhos de mudança respondendo às necessidades da sociedade contemporânea.

### **Educomunicação, Comunicação Educativa o Educação para os Meios**

Primeiro, é prudente remeter-se e compreender os termos comunicação e educação desde sua etimologia, na qual comunicar vem da raiz latina *comunicare*, que significa “por em comum, compartilhar algo” e educar de *e-ducere* que significa “tirar de dentro”.

Em consonância com isso, a educação deve ser um processo que, além de tirar o melhor de cada deve ser baseada no coletivo, em uma participação ativa dos sujeitos, na qual o diálogo seja o elemento potenciador do ato em si, entendendo o diálogo na perspectiva proposta por Freire, na qual

o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1970, p 45)

Em palavras de Delia Crovi Deta (2010), a educação, “deve ser entendida como um espaço para o reconhecimento de e com os outros, um espaço para o diálogo, que também é parte de um autêntico processo comunicativo” ( CROVI, 2010, p. 120).

Assim que, o campo de estudo que surge nestas relações é o da Educomunicação, que propõe uma integração dialógica dos campos disciplinares

de Educação e Comunicação. A esse respeito têm-se feito discussões e construções teóricas que permitem avançar, delimitar e compreender o tema.

Na América Latina, especialmente no México, Colômbia, Brasil, Chile e Peru tem sido desenvolvida a teorização sobre o tema, até o ponto de ter, no Brasil, uma política pública da educomunicação como um direito.

Há um pouco mais de duas décadas, em um encontro realizado em Santiago do Chile foram convocados pela Unicef, Unesco e Ceneca diferentes especialistas latinoamericanos e alí definiram que:

educomunicação inclui, sem reduzir-se, o conhecimento das múltiplas linguagens e meios pelos quais se realiza a comunicação pessoal, grupal e social. Abarca também a formação do sentido crítico, inteligente, frente aos processos comunicativos e suas mensagens para descobrir os valores culturais próprios e a verdade (APARICI, Roberto. 2010. P 9)

Roberto Aparici, professor da Universidade Nacional de Educação a Distância na Espanha, fala que “a educomunicação apresenta-nos uma filosofia e uma prática da educação e da comunicação baseadas no diálogo e na participação que não requerem só tecnologias, mas uma mudança de atitudes e de concepções pedagógicas e comunicativas” (APARICI, 2010, P. 17).

E, não é suficiente incluir as novas tecnologias no ambiente educativo para falar de educomunicação, os desafios que esta apresenta à escola estão muito além disso, implicam uma transformação estrutural na sua concepção e na relação da educação e da tecnologia. Não se trata de reproduzir o modelo tradicional substituindo o quadro negro por um computador, a ideia não é ensinar pedagogias antigas com tecnologias modernas, pois uma revolução tecnológica sem revolução educativa não teria sentido algum. Em palavras de Valderrama (2010),

a instituição escolar deve considerar os meios em sua dupla dimensão: como agentes e como objeto de educação. Como agentes, por transmitirem valores, informação, saberes, que são

apropriados de diversas maneiras pelas audiências; como objetos, na medida em que são suscetíveis de ser ensinados na perspectiva de formar uma audiência que compreenda seus gêneros, narrativas, formatos, linguagens e que adote uma posição crítica frente aos conteúdos (VALDERRAMA, 2010, p. 9).

Trata-se, pois, e segundo as propostas de Bustamante (2007) de edificar “ecossistemas comunicativos, que permitam o intercâmbio horizontal entre os agentes, com uma intenção educativa, um alto compromisso social e potencial em termos de gestão e políticas públicas” (BUSTAMANTE, 2007, p. 202), pensando em promover uma educação com competências comunicativas demandadas pela sociedade contemporânea. Ecossistemas que, tendo como base o diálogo, levem ao reconhecimento do outro, à cultura participativa e, nessa medida, que a construção da cidadania seja um fato coletivo, participativo e inerente, de fato.

No entanto, parece haver uma má interpretação da escola frente a este tema, ao pensar que o educomunicativo se esgota com uma perspectiva instrumental de uso da tecnologia, perspectiva na qual investem tempo, dinheiro e esforços para levar à sala de aula aparelhos tecnológicos com o fim de “dinamizar” e “atualizar” o ensino, recorrendo a uma alfabetização digital que está centrada no uso instrumental da tecnologia. A escola parece não reconhecer que “a alfabetização digital, como qualquer outra, será sempre um processo social com repercussões na transformação da própria sociedade”. (GUTIERREZ, 2011, p. 179). Isto implica superação do uso instrumental e aponta a um desenvolvimento crítico da consciência dos jovens, a uma construção de cidadania. Nesse sentido, Jesús Martín Barbero (2002) afirma que, “necessitamos de uma educação que não deixe os cidadãos inertes frente às poderosas estratégias de que hoje dispõem os meios massivos para camuflar seus interesses e disfarçar-los da opinião pública” (BARBERO, 2002, p. 7).

O que implica modernizar a educação, e despertar os jovens para que tenham um olhar crítico e questionador da atualidade, permitindo-lhes decifrar o

mundo. A educação, em palavras de Barbero (2002), é moderna na medida em que seja capaz de desenvolver sujeitos autônomos.

Por tanto, deve-se afirmar que os problemas da escola não estão sujeitos à incorporação na maior ou menor quantidade de tecnologia, os problemas da escola estão ligados a seu antigo modelo educativo vertical, modelo que educou gerações após gerações como se o tempo fosse estático e as necessidades de cada sociedade não transformassem de geração em geração.

A escola está sendo chamada então a assumir as mudanças e reavaliar-se em seu fazer pois, “as mudanças tecnológicas produzidas nos últimos vinte anos exigem novos planejamentos metodológicos, pedagógicos e comunicativos, que estão além do uso de uma ferramenta” (APARICI e OSUNA, 2010, p. 307)

### **Considerações finais**

A educação está sendo chamada a assumir os desafio que a Educomunicação lhe propõe, desafios como reinventar seu fazer, contemplando a tecnologia como possibilitadora de novos ecossistemas educacionais, que permite à escola dinamizar e dialogar além de suas paredes institucionais, compreendendo as TICs em uma perspectiva de transformação cultural que produz uma sociedade que encontra-se imersa nelas. Caso contrário, a escola continuará a ser o local de passagem, onde vai-se por obrigação, ao qual queremos fugir e, desta maneira, é difícil formar cidadãos.

Recuperar o ideal da escola como “um local de conversa entre gerações, entre jovens que se atrevem a levar à escola suas verdadeiras questões e professores que saibam e queiram ouvir, convertendo a escola num espaço de memória e de invenção de futuro” (TABOSA, 2012) é outro dos desafios a serem enfrentados pela escola. Finalmente, é necessário reforçar a ideia de que a educomunicação “vai além dos meios no ensino.



Neste sentido é que a escola deverá assumir os desafios, além de dotar escolas de computadores e tecnologia se trata de compreender e interiorizar os alcances destes na interação educativa e ato pedagógico de ensino e aprendizagem para a formação de cidadãos críticos capazes de enfrentar-se conscientemente na era contemporânea.

## Referencias

APARICI, R. e OSUNA, S. Educomunicación y Cultura Digital. En, **Educomunicación: Más allá del 2.0**. Barcelona: Gedisa. 2010

DE OLIVEIRA, I. El Paradigma Latinoamericano de la Educomunicación. 2000

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

KAPLÚN, M. **Una peddagogía de la Educomunicación**. Madrid: De la Torre. 1998

VALDERRAMA, C. E. Comunicación-Educación. Un nuevo escenario. 2011

## Autora



**Glória Patrícia Piedrahita Sarmiento** é Licenciada em Comunicação e Informática Educativa da Universidade Tecnológica de Pereira, Colômbia. Esteve vinculada como professora na Escola de Ciências Sociais em dita universidade. Assessora em pesquisa no Programa “Ondas Risaralda” na linha de “Pedagogia e Currículo”. Gestora no programa “Computadores para Educar” do Ministério de Educação Nacional da Colômbia. Atualmente mestranda em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Contato: gloriap87@gmail.com.